



***FEMINILIDADES E MASCULINIDADES EM CANAIS DO YOUTUBE
PROTAGONIZADO POR MENINAS***

***FEMINIDADES Y MASCULINIDADES EN VIDEOS DE CANALES DE
YOUTUBE PROTAGONIZADOS POR NIÑAS***

***FEMININITIES AND MASCULINITIES IN VIDEOS FROM YOUTUBE
CHANNELS STARRED BY GIRLS***

*Kamila Rios Saracho*¹
*Constantina Xavier Filha*²

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo geral discutir/problematizar as feminilidades/masculinidades produzidas nos vídeos do *YouTube*, protagonizados por meninas de até 12 anos, no ano de 2018 e, como objetivos específicos: a) identificar feminilidades/masculinidades produzidas nos vídeos e b) discutir/problematizar os aspectos como conduta e vestimenta, tendo como base teórica os referenciais dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, numa perspectiva pós-crítica no campo educacional; além de respaldar-se na metodologia de pesquisa pós-crítica e da abordagem da netnografia. Após a coleta das informações e respectivas discussões, observou-se que os vídeos do *YouTube*, enquanto artefato cultural, desempenham papel pedagógico ao expressarem ensinamentos sobre formas hegemônicas de masculinidade/feminilidade para as crianças, em que os homens são vistos como mais agressivos, pragmáticos, racionais e as mulheres são vistas como meigas, vaidosas,

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cursando Pós-graduação em Educação Inclusiva com Ênfase em Libras (FAED/UFMS). Cursando Letras/Libras (Uniasselvi). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX).

² Pós-doutora em educação pela UNIRIO e UNICAMP. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na Faculdade de Educação e na Pós-graduação em educação CPAN/UFMS. Coordena o GEPSEX.

dedicadas, sensíveis, e que essas educações realizadas atendem a uma normatividade e padrões social e culturalmente idealizados para as condutas de meninas/os.

PALAVRAS-CHAVE: Feminilidades. Masculinidades. Netnografia. *YouTube*.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo general discutir/problematizar las feminidades/masculinidades producidas en los videos de *Youtube*, protagonizados por niñas de hasta 12 años, en el año 2018 y como objetivos específicos: identificar feminidades/masculinidades producidas en los videos. Nos basamos teóricamente en los referenciales teóricos de los Estudios de Género y de los Estudios Culturales, en una perspectiva pós-crítica en el campo educativo. El referente metodológico se respaldó en la metodología de la investigación pós-crítica y del abordaje de la netnografía. Luego de la recolección de las informaciones y respectivas discusiones, se observó que los videos de *YouTube*, como artefacto cultural, ejercen una pedagogía al expresar enseñanzas para los/as niños/as sobre formas hegemónicas de masculinidad/feminidad y que esas educaciones realizadas atienden a una normatividad y padrones social y culturalmente idealizados para las conductas de niños/as.

PALABRAS-CLAVE: Feminidades. Masculinidades. Netnografia. *YouTube*.

ABSTRACT

This research had as its general objective to debate/put in doubt femininities/masculinities produced on *YouTube* videos starred by girls under the age of 12, in 2018. The specific objectives were to identify femininities/masculinities produced in the videos and to debate its main aspects. The theoretical frameworks were Gender Studies and Cultural Studies, from a post-critical perspective in the educational field. The methodological approach was the social media research method “netnography” based on the post-critical research methodology. The study has shown that the *YouTube* videos, as a Cultural Artifact, exercise a pedagogy by expressing to children hegemonic forms of masculinity/femininity, whereas that said educations correspond the social normativity and culturally idealized standards for the conduct of girls and boys.

KEYWORDS: Femininities. Masculinities. Netnography. *YouTube*.

Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, na esfera de estudos e investigações do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Gênero-GEPSEX, tendo como objeto as feminilidades e as masculinidades em vídeos de canais do *YouTube*, protagonizados por meninas de até 12 anos, no ano de 2018.

O objetivo geral da pesquisa foi o de discutir e problematizar as feminilidades e masculinidades produzidas nos vídeos dos canais protagonizados por meninas de até 12

anos, no ano de 2018 e como objetivos específicos: identificar as feminilidades e masculinidades produzidas nos vídeos; discutir e problematizar os seus principais aspectos com o referencial teórico adotados na pesquisa.

O Estatuto da Criança e do/a Adolescente (ECA), considera como criança as pessoas com até 11 anos e 11 meses de idade, por isso priorizamos os canais do *YouTube*, protagonizados por crianças até essa idade. No entanto, para facilitar, resolvemos “arredondar” a idade para 12 anos.

Outros dois motivos nos levaram a trabalhar somente com a infância: primeiro por ser este o público de investigação da orientadora deste trabalho, que exerce papel de coordenação junto as temáticas de estudo e investigação do grupo de pesquisa já citado. A segunda razão é que, de acordo com a Estrutura Curricular e a Ementa do curso de Pedagogia, nossa formação nos habilita tanto para trabalharmos com a Educação Infantil quanto com os primeiros anos do Ensino Fundamental. Dessa forma, limitamos aos estudos com as infâncias, já que serão nossos públicos na atuação profissional.

A escolha do tema e do objeto de pesquisa surgiu necessariamente pela participação na disciplina obrigatória de Educação, Sexualidade e Gênero, do curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, realizada no segundo semestre de 2018, que culminou na elaboração de um trabalho final a ser apresentado para obtenção de nota.

Outro motivo foi a participação, em 2018, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero-GEPSEX, no qual aprofundamos questões sobre gênero e pressupostos foucaultianos.

A participação em todos esses grupos nos fez pensar sobre a importância das discussões de gênero na constituição das crianças, instigando-nos a vontade de aprofundar os estudos que envolvem canais do *YouTube*, por entendermos que o fenômeno dos vídeos na internet é recente e carece de mais discussões e reflexões, sobretudo no campo da educação – tanto no campo da educação cultural quanto na educação escolar.

Além dos motivos expostos para a escolha do *Youtube* como plataforma de estudos está o de apreciar os vídeos e de ser participante assídua já que costumo consultar e assistir aos vídeos e canais.

Nesse ínterim, vale ressaltar que o *YouTube* é uma plataforma digital que dispõe vídeos e fontes da pesquisa. De acordo com Ferreira (2018),

[...] o *YouTube* é um site interativo de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários por meio da Internet. Esses vídeos podem conter conteúdos profissionais ou amadores, extensos ou curtos. Um ambiente virtual que se popularizou em pouco tempo no mundo inteiro. O termo vem do Inglês “*you*” que significa “você” e “*tube*” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “*YouTube*” poderia ser “você transmite” ou “canal feito por você”. Nessa conjuntura, o *Youtuber* é o sujeito enunciador e, ao mesmo tempo, protagonista do conteúdo produzido (FERREIRA, 2018, p. 17).

Segundo a autora, a plataforma do *YouTube* possibilita que as pessoas e/ou empresas compartilhem, no ambiente virtual, suas experiências pessoais, profissionais e opiniões acerca dos mais variados temas. De acordo com Melo e Guizzo (2019), tomamos os canais do *YouTube* analisados como artefatos culturais que propagam Pedagogias Culturais que proporcionam aprendizagens que são colocadas em circulação através da internet e que reverberam na constituição de identidades das infâncias contemporâneas.

O público infantil se apresenta cada vez mais ávido pela internet e assiste aos vídeos de diversos canais do *YouTube*³ e é por esse motivo que consideramos pertinente analisar vídeos de canais protagonizados por crianças, com o intuito de discutir como as masculinidades e feminilidades são produzidas e veiculadas nesses artefatos culturais.

O Referencial Teórico da pesquisa fundamentou-se nos Estudos Culturais e nos Estudos de Gênero a partir da pesquisa pós-crítica em educação. Trouxemos os principais conceitos da pesquisa e os problematizamos com as autoras que são referências como Louro (2003), Felipe (2012), Connel (1995), dentre outras e outros.

A pesquisa utilizou-se dos pressupostos metodológicos dentro da perspectiva de estudos pós-críticos na educação e da abordagem da netnografia, que busca estudar os ambientes virtuais alicerçada na etnografia, já consagrada pela antropologia, com foco interpretativo e qualitativo adaptado com técnicas de pesquisa antropológicas etnográficas para o estudo das culturas e comunidades *online*, para análise do objeto.

O presente artigo está assim organizado a partir desta introdução: o primeiro tópico intitulado “Pressupostos Teóricos”, buscou destacar os conceitos que entendemos

³Segundo pesquisa realizada pela revista Crescer, com a participação de 2.044 pais e mães, foi pautado que "(47%) dos pequenos já têm um influenciador digital ou canal que acompanha com frequência". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2018/08/maneira-como-criancas-consomem-tecnologia-mudou.html>. Acesso em 31 de jul. 2019.

ser importantes para fundamentar teoricamente os estudos realizados a partir dos vídeos selecionados; o segundo, denominado “Pressupostos Teórico-Metodológicos”, objetivou descrever as trajetórias metodológicas que foram utilizadas para realizar a pesquisa; o terceiro, “Feminilidades e Masculinidades em Vídeos de Canais Protagonizados por Meninas no *YouTube* no ano de 2018”, apresentou a descrição dos vídeos bem como as problematizações e as discussões dos artefatos culturais que foram fontes da nossa pesquisa. E por fim, apresentamos as considerações finais, certas de que há um longo caminho a percorrer e que nos instiga a outras pesquisas dentro da temática escolhida, já que há muito ainda para analisarmos.

Pressupostos teóricos

Neste tópico apresentamos os pressupostos teóricos da pesquisa que se fundamentaram nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais. Dos Estudos de Gênero, recorremos aos conceitos de Gênero, identidade de gênero, normatização, feminilidades e masculinidades; dos Estudos Culturais, priorizamos os conceitos de Pedagogias Culturais e artefatos culturais para as discussões e problematizações do estudo. Para isso, utilizaremos autores/as como Guacira Lopes Louro (1997), Jane Felipe (2012), Tomaz Tadeu da Silva (2000), dentre outros/as.

Os Estudos de Gênero são um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações de gênero na cultura e na sociedade. Jane Felipe (2012) destaca que:

O conceito de gênero foi amplamente veiculado a partir da década de 80 do século XX, na tentativa de se opor a uma ideia de essência, que em geral pautava a explicação de comportamentos distintos para homens e mulheres. O conceito busca, portanto, enfatizar e problematizar a construção histórica, social e cultural dos comportamentos de homens e mulheres, fugindo assim das explicações que remetem a uma “essência”, que justificaria os comportamentos masculinos e femininos, muitas vezes tidos como diametralmente opostos. (FELIPE, 2012, p. 221).

No livro “Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias”, organizado por Constantina Xavier Filha, no ano de 2012, Felipe (2012) evidencia que o conceito de gênero no Brasil começou a ser discutido na década de 1980 do século XX e tinha como um dos objetivos desconstruir a ideia de que homens seriam superiores e que por isso seriam designados para certas tarefas e mulheres para outras, além de

questionar sobre a explicação eminentemente biológica para a diferenciação de homens e mulheres.

Segundo Guacira Lopes Louro (1997), gênero pode ser explicado como:

[...] constituinte da identidade de sujeitos. [...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 1997, p. 24).

A autora elucida que gênero é um dos aspectos que compõem as identidades dos sujeitos, que são plurais e construídas constantemente com a contribuição de elementos sociais e culturais. Além disso, tem caráter fluído, não sendo fixo ou permanente.

Ao afirmar o gênero como constituinte da identidade do sujeito, Louro (2003, p. 25) explica que gênero transcende o mero desempenho de papéis (masculino/feminino), “a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito”.

Louro (2003, p. 26) diz ainda que “os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero”. Em relação ao conceito de identidade de gênero, a autora afirma que:

[...] são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 2003, p. 27).

Podemos dizer então que os conceitos de Gênero e identidade de gênero estão inter-relacionados; enquanto o Gênero institui a identidade do sujeito, a identidade de gênero é a forma como o sujeito se identifica, social e historicamente, de maneiras plurais e múltiplas, que se transformam, que não são “fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2003, p. 24).

Outro aspecto a ser observado no conceito de gênero adotado é que priorizamos entendê-lo para além dos binarismos de homem-mulher e pensar na constituição dos sujeitos, na maneira pela qual se identificam, por exemplo, nas margens do que se convencionou ser a normalidade, nas quais são as mais diversas formas de se constituir feminino ou masculino e na negação de pertencimento ao binarismo de gênero em que

as pessoas não se identificam com qualquer gênero, dentre tantas outras possibilidades de o sujeito ser e se identificar ou negar-se a qualquer tipo de identificação.

As vivências das identidades de gênero são, muitas vezes normalizadas, sendo definidas conforme as maneiras culturalmente esperadas de ser e agir. Atualmente ainda,

[..] o gênero está diretamente ligado à heterossexualidade, pois logo que a criança nasce é educada/disciplinada para adquirir o gênero “correto”. A partir daí, para estar dentro dos padrões, ela obrigatoriamente tem que se sentir atraída por uma pessoa do sexo oposto. (SANTOS; ARAÚJO, 2009. p. 20)

Nas relações interpessoais que participamos, permeiam-se conceitos que nos direcionam às “verdades absolutas” construídas acerca do mundo. Nesse sentido, somos condicionados a pensar sobre Gênero e Sexualidades e seus significados como sendo estáticos e inquestionáveis, gerando, conseqüentemente, a reprodução desses conceitos e significados sem uma reflexão crítica em todos os ambientes sociais. Ao tratar construções sociais como sexualidade ou gênero como naturais, estamos nos equivocando e restringindo seus significados porque esses marcadores sociais não são naturais e sim, construídos.

Tomaz Tadeu da Silva define o conceito de normalização:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA, 2000, p. 83).

Segundo o autor, a normalização é um processo sutil e permanente que define uma identidade como parâmetro para se avaliar as outras. Silva (2000, p. 83), ainda em relação a normalização das identidades, afirma que “a força da identidade ‘normal’ é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade”. O conceito descrito pelo autor nos faz pensar sobre a identidade normalizada de gênero, que por ser considerada normal acaba por vista como a ‘correta’ e a ‘verdadeira’, as outras identidades e formas de vive-la, que não são condizentes com a norma, é que precisam sempre se adequar, serem ‘corrigidas’, negadas, patologizadas

de acordo com a norma estabelecida como a ideal e a correta. Um dos exemplos é considerar que uma pessoa do gênero feminino deva ser amigável, doce, prestativa, romântica e também deve ser heterossexual. Apesar da heterossexualidade ser um atributo da sexualidade do sujeito, há uma relação direta estabelecida entre gênero-sexualidade e desejo. Felipe (2012) reitera que a “heteronormatividade é considerada a única orientação sexual normal e tudo aquilo que estiver fora desse padrão será visto como anormal, doentio, desvio, etc”.

Outros dois conceitos importantes para o nosso estudo foram os de masculinidades e feminilidades. Concordamos com Bacarin ao afirmar que,

Os conceitos de masculinidade e feminilidade estão diretamente ligados ao conceito de gênero. No entanto, enquanto gênero é a forma como nos identificamos enquanto mulheres e homens, feminilidades são as formas e possibilidades de vivência do feminino. Esses modos pelos quais vivemos nossas masculinidades e feminilidades são fruto das construções sociais. (BACARIN, 2015, p. 39).

De acordo com a autora, as feminilidades e masculinidades são construídas socialmente, na interação entre os sujeitos, no que tange à forma como vivemos e expressamos o feminino e o masculino nas e pelas relações de poder. Essas formas são múltiplas e não têm relação direta com o aspecto biológico do sujeito, conforme destaca a autora. Felipe (2012) pressupõe que:

As pessoas costumam argumentar que os comportamentos de meninos e meninas, homens e mulheres são geneticamente explicados, que a natureza os fez pensar e agir desta ou daquela forma. Pesquisas mostram que desde bebês, o atendimento adulto a demanda infantil é feita de acordo com o sexo. Se o bebê é masculino e tem um sono agitado, isso não é visto com preocupação, o mesmo não ocorrendo quando se trata de um bebê feminino. Em relação ao choro, em geral não são imediatamente atendidas em suas demandas. Já os meninos, são prontamente atendidos, pois seria complicado incentivá-los a um comportamento manhoso e chorão. Mulheres são vistas como mais meigas, românticas, vaidosas, dedicadas, sensíveis, meticulosas. Homens são vistos como mais agressivos, pragmáticos, racionais. E ambos, de forma compulsória, são tidos como heterossexuais nas suas identidades sexuais. (FELIPE, 2012, p. 220-221).

A autora aponta que as masculinidades e as feminilidades são classificações normativas construídas desde o nascimento das pessoas, e que características, jeitos e formas de condutas, são construídos a partir desses discursos. A respeito do conceito de masculinidade, Connel aponta que:

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". (CONNEL, 1995, p. 188).

Connel (1995) retifica o pensamento de que as masculinidades são criadas em âmbito social, na interação dos sujeitos. E a respeito das "políticas de masculinidade", comenta que há uma "narrativa convencional" sobre a maneira como as masculinidades são construídas, afirmando que "toda a cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens" (CONNEL, 1995, p. 190). Além disso, a autora pondera que a partir das políticas de masculinidade, "meninos e rapazes aprenderiam tal conduta e sentimentos e, assim, se afastariam do comportamento das mulheres", e reitera que devemos considerar as masculinidades tanto como uma construção coletiva quanto uma construção individual (CONNEL, 1995).

De acordo com a autora, se as masculinidades são construídas, também podem ser reconstruídas. Assim, o conceito de masculinidade foi sendo modificado constantemente de acordo com o período existente da sociedade e o mesmo ocorre com o conceito de feminilidade.

Por conseguinte, além dos Estudos de Gênero temos como fundamentação os Estudos Culturais que, para Meyer e Paraíso (2012, p. 24), discute "[...] que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais que se multiplicam na nossa sociedade [...]".

Por Pedagogias Culturais, pode se entender segundo Silva (2000, p. 89), como quaisquer instituições ou dispositivos culturais "[...] que tal como a escola, estejam envolvidos – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores [...]". E por artefatos culturais entendemos aqueles produtos da nossa cultura, tais como: filmes, revistas, programas de televisão, brinquedos, entre outros, que atuam como produtores "não apenas de conhecimentos, mas também de subjetividades" (GIROUX e MCLAREN, 1998, p. 144).

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, as pedagogias são um processo social que ensina e produz significados e se estende a todas as instâncias sociais. Este conceito alarga o conceito de educação para além dos espaços e processos considerados como aprendizagem formal. O conceito de pedagogia cultural nos faz reconhecer e questionar a relevância das imagens, das tecnologias da informação e da comunicação na educação e na cultura, ou seja, a relação que se estabelece entre as duas.

O *Youtube* pode ser entendido como uma instância cultural onde se ensinam modos de ser e de estar na sociedade. Podemos pensar o *Youtube* como um espaço para produção de identidades, possibilitando também outras formas de interpretação e representação de feminilidades e as masculinidades.

É com base nas discussões das autoras e dos autores citadas/os que entendemos os artefatos culturais enquanto elementos de Pedagogias Culturais e que, como tais, nos permitem analisar e problematizar o caráter pedagógico nos vídeos selecionados, enquanto produtores/reprodutores de conhecimento.

Pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa

Neste tópico, apresentaremos os caminhos teórico-metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, que teve por base as metodologias pós-críticas em educação e como abordagem metodológica a netnografia. É importante ressaltar que Paraíso (2004, p. 286), ressalta que “as pesquisas pós-críticas em educação no Brasil explicitam aquilo que não constitui objeto de seu interesse: não gostam de explicações universais, nem de totalidades, nem de completudes ou plenitudes”.

De acordo com Mayer e Paraíso (2012), a metodologia tem um significado muito mais amplo e abrangente que o seu conceito tradicional e que esse significado está ligado a teoria pós-crítica. As autoras afirmam que:

[...] “metodologia” é um termo tomado em nossas pesquisas de modo bem mais livre do que o sentido moderno atribuído ao termo “método”. Entendemos metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que em congruência com a própria teorização preferimos chamar de “produção” de informações – e de estratégias de descrição e análise (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Mayer e Paraíso elucidam que a metodologia de pesquisa pós-crítica nos permite construir nossos modos de pesquisar e nos possibilita pesquisar, movimentando-nos e nos afastando daquilo que é rígido e das convicções universais que não nos ajuda a construir olhares para questionar, descrever-analisar nosso objeto.

As autoras salientam que,

[...] o mais potente desses modos de pesquisar é a alegria de ziguezaguear. Movimentamo-nos ziguezagueando no espaço entre

nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar. (MAYER e PARAÍSO, 2012, p. 17).

Sendo assim, permitimo-nos “zigzaguear” entre o nosso tema, Feminilidades e Masculinidades em vídeos do *YouTube* e o que já foi produzido sobre ele, para então discutir e problematizar nosso objeto, os tipos de feminilidades e masculinidades em vídeos de canais do *YouTube* protagonizados por meninas de até 12 anos de idade, sem a pretensão de produzir verdades inquestionáveis, para assim propiciar novos pontos de vista, novas formas de olhar e perceber algo que não está dado.

Buscamos, com isso, analisar e discutir as feminilidades e as masculinidades em vídeos de canais do *YouTube*, protagonizados por meninas até 12 anos, trazendo os artefatos culturais para serem debatidos e estudados a partir da perspectiva da metodologia pós-crítica em educação.

A opção por alguns pressupostos da pesquisa pós-crítica, em nosso estudo, diz respeito a criatividade acerca da opção metodológica e da não-neutralidade do/a pesquisador/a na escolha e produção de saberes acerca dos objetos e das fontes de estudo. A pesquisa utilizou abordagem metodológica da netnografia para coletar as informações do objeto do estudo.

Braga (2007) exprime que:

O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte-americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores”. (BRAGA, 2007, p. 05).

Podemos dizer que a netnografia é uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador. Para entendermos mais sobre essa abordagem metodológica urge descrevermos sobre a perspectiva de pesquisa etnográfica. Amaral, Natal e Viana (2008) acentuam que:

A etnografia é um método de investigação oriundo da antropologia que reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa onde o pesquisador entra em contato intra-subjetivo com o objeto de estudo. (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 34).

Na metodologia etnográfica os/as pesquisadores/as vão a campo para aprender sobre uma cultura; na netnografia podemos compreender o campo como “uma transposição do espaço físico ao espaço on-line” (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 38). Corrêa e Rozados (2017, p. 11) ressaltam que

[...] a “netnografia, como a etnografia tradicional, é um método de pesquisa que se caracteriza por sua flexibilidade. Contanto que os objetos de estudo estejam situados ou possuam uma contrapartida no ambiente virtual, diversos tópicos podem ser investigados através do método. (CORRÊA E ROZADOS, 2017, p. 11).

A netnografia, como descrito na citação, parte da incursão do/a pesquisador/a no campo virtual. Muitos dos elementos da etnografia são utilizados nesta perspectiva de investigação, dentre elas a imersão intensa no campo, no caso, campo virtual, e a tentativa de perceber-se como observador/a e também como constituinte daquela realidade.

Passamos a seguir a descrever os caminhos metodológicos trilhados logo após a elaboração do objeto de investigação e dos demais elementos do projeto da pesquisa, tais como problema, objetivos, pressupostos teóricos e metodológicos.

O primeiro passo da pesquisa exploratória foi tentar encontrar os canais do *YouTube* para chegarmos às fontes de nosso estudo – os vídeos. Várias pesquisas na internet foram empreendidas visando encontrar canais mais acessados de *YouTubers* mirins brasileiros/as.

Também buscamos encontrar *rankings* dos canais de *YouTubers* mais assistidos/as na referida plataforma, no ano de 2018, protagonizados por crianças. Não conseguimos inicialmente chegar a essas informações com precisão devido a uma enormidade de canais existentes na plataforma ou pelos dados encontrados à época serem desatualizados ou incompletos.

Chegamos, então, a uma reportagem do *site* O Globo, intitulada “*Conheça os YouTubers mirins mais populares da internet brasileira*”⁴, que relata sobre os oito canais com maior número de pessoas inscritas até janeiro de 2019. As informações dessa reportagem passaram a ser norteadoras dos demais passos trilhados na pesquisa,

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-os-youtubers-mirins-mais-populares-da-internet-brasileira-23342467>. Acesso em 12 de março de 2019.

ou seja, chegamos aos canais mais acessados pelo público a partir dos indicativos dessa reportagem para depois selecionarmos os que seriam analisados.

O segundo passo se deu com a elaboração de fichas para sistematização das informações disponíveis no *site* O Globo. As duas primeiras fichas foram conexas, coletamos as seguintes informações: os nomes dos canais; nome da/o youtuber; idade do/a youtuber; número de pessoas inscritas no canal; quantidade de visualizações e gênero da/o protagonista do canal.

Como no *site* não havia todas as informações necessárias para o preenchimento da ficha, buscamos os dados que faltavam em reportagens, coletando o que era necessário na descrição dos canais para completarmos o material da ficha. Vale ressaltar que a incursão no campo da internet ocorreu no início do ano de 2019.

Na terceira ficha, delimitamos os canais que seriam analisados a partir dos critérios de idade e gênero das/os protagonistas de até 12 anos de idade e chegamos ao total de **seis canais**. Optamos por priorizar os canais protagonizados pelas meninas por serem a maioria no *ranking* da reportagem que norteou os passos seguidos durante a pesquisa. Considerando que havia apenas um canal em que um menino desempenhava um papel de destaque durante reportagem.

No terceiro passo construímos uma quarta ficha apresentando os canais com suas descrições, disponibilizadas em seus endereços no *YouTube* e uma quinta ficha contemplando os vídeos selecionados para análise. Nela detalhamos os vídeos mais populares postados no ano de 2018 (utilizando o recurso de filtragem dos vídeos disponível no próprio *YouTube*), e também utilizamos o critério de vídeos que narrassem uma história, sendo eles vídeos em que as protagonistas faziam encenação de alguma narrativa⁵. Os canais e vídeos selecionados serão descritos no próximo item.

Além disso, em uma sexta ficha, já elaborada para análise/discussão dos vídeos, acrescentamos os nomes dos vídeos, imagem de apresentação do vídeo (chamada de miniatura⁶), descrição do vídeo, o tipo de feminilidade hegemônica observada e qual personagem representava esta feminilidade; na sétima ficha, destacamos as feminilidades dissidentes presentes nos vídeos e na oitava, acentuamos também as

⁵ Exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários.

⁶ As miniaturas de vídeo, ou *thumbnails* como são chamadas tecnicamente, são as imagens que aparecem no vídeo antes que ele seja carregado para a audiência. Disponível em: <http://www.playdeprata.com.br/videomarketing/m-o-que-sao-miniaturas-no-youtube-2/>. Acesso em 21 maio 2019.

masculinidades hegemônicas e dissidentes presentes nos vídeos. A seguir destacamos os canais selecionados e os vídeos analisados na pesquisa.

Descrição dos Canais e Vídeos Selecionados

A escolha dos canais selecionados para a pesquisa foi realizada a partir da reportagem “*Conheça os YouTubers Mirins Mais Populares da Internet Brasileira*” do site O Globo, como já destacado.

O principal critério para seleção dos canais foi que ele fosse protagonizado por meninas com idade de até 12 anos. Portanto, dos oito canais citados na reportagem selecionamos seis para serem analisados. Não selecionamos os oito canais, por um deles ser protagonizado por um menino⁷ e o outro, apesar de ser protagonizado por uma menina⁸, ela estava na idade acima da priorizada na nossa pesquisa. Após esse recorte, ficamos com os seguintes canais para a análise:

- *Bela Bagunça*;
- *Canal da Lelê*;
- *Crescendo com Luluca*;
- *Fran Nina e Bel para Meninas*;
- *Juliana Baltar*; e
- *Planeta das Gêmeas*.

Bela Bagunça é o canal da Isabela Castro de 11 anos. Ela criou o canal em 2015 e possui mais de 9 milhões de inscritos/as e 1.866.758.431 visualizações⁹ na época da realização da pesquisa, no ano de 2019.

Canal da Lelê é o canal protagonizado por Letícia, também com 11 anos de idade. Na descrição do canal, ela afirma postar vídeos com conteúdo variado relacionado a diversos temas do universo infantil como brincadeiras, passeios, música, brinquedos, “bons hábitos”, diversão e muita imaginação. Letícia iniciou seu canal em 2014 e na data da pesquisa possuía 4.908.901 inscritos/as e 1.276.730.931 visualizações.

⁷Isaac do Vine, Canal disponível em https://www.youtube.com/channel/UCxyk5VZ-BY-5rvIx1_Zx9wA. Acesso em jan. 2021.

⁸Julia Silva. Disponível em <https://www.youtube.com/user/paulaloma29>. Acesso em jan. 2021.

⁹ O número de visualizações foi coletado na aba de descrição do canal da protagonista. É importante ressaltar que este dado aumenta todos os dias. Isso vai se repetir em todos os canais, ou seja, o número foi obtido em 2019 na época da realização dos filmes.

Crescendo com Luluca é o canal da Luíza, de nove anos de idade. Estreou em 2015 e compartilha seu dia a dia e histórias, interpretando personagens diferentes. Seu canal ultrapassou os 5 milhões de inscritos/as e totaliza 989.699.605 visualizações.

Fran Nina e Bel para Meninas é o canal protagonizado por Bel, uma menina de 11 anos que posta vídeos com participações especiais de sua mãe Fran e de sua irmã Nina. Começou o canal em 2013 e tem um pouco mais de 7 milhões de inscritos/as e 1.917.436.687 visualizações.

Juliana Baltar, criou o canal que leva seu nome no ano de 2010. Possui 11 anos e posta vídeos de desafios, novelinhas, tipos¹⁰, versus¹¹. Segundo o *site* O Globo, atualmente o canal possui mais de 8 milhões de inscritos/as e 1.750.169.102 de visualizações.

Planeta das Gêmeas é o canal protagonizado pelas irmãs gêmeas Melissa e Nicole de 11 anos de idade. O canal foi criado em 2015 e totaliza mais de 10 milhões de inscritos/as e 2.468.675.758 de visualizações.

Como já salientando, após a incursão no campo virtual com a visualização de muitos vídeos publicados nos canais e com o critério de que houvesse uma história narrada, ou seja, um vídeo que tivesse um tipo de narrativa que contasse uma história muitos vídeos mostram as meninas brincando, apresentando um brinquedo novo, cantando, dançando, etc., ou seja, expressando aspectos de sua individualidade. No entanto, o objetivo era analisar vídeos que tivessem uma narrativa de começo, meio e fim e por isso selecionamos os seguintes vídeos descritos na tabela 1.

Tabela 1 – Canais e Vídeos Selecionados

Canais Selecionados	Vídeos Selecionados
BELA BAGUNÇA	Minha Babá Por Um Dia!!!
	Bela Bagunça Tenta Salvar Bebê, Crianças no Mar – <i>Kids pretend play to save baby</i> /Bela Bagunça
	Bela Bagunça Tenta Salvar o Magu da Areia na Praia – Historinha da Bela em Português para Crianças
	Será que a Bela Bagunça Vai SALVAR o Menino Sereia/Tritão? Historinha da Bela com Cauda de Sereia
	Bela Bagunça Tenta Salvar Tritão Magu (O Menino Sereia)

¹⁰ Vídeos em que a protagonista interpreta diferente tipos de pessoas.

¹¹ Vídeos em que a protagonista fala sobre coisas antagônicas. Por exemplo “rico versus pobre”, “dia de sorte versus dia de azar”, entre outros.

	A Bela Bagunça Precisa Salvar O Magu, E Agora???
	Historinha em Português da Bela Bagunça
	Bela Bagunça na Escola com Irmão Magu. Crianças muito Atrapalhadas na Aula (Historinha da Bela)
	A Bebê Que Ninguém Queria (Parte 1) Bela Bagunça
	A Bebê Que Ninguém Queria (Parte 2) Bela Bagunça
	A Bebê Que Ninguém Queria 3 – Bela Bagunça
	A Bebê Que Ninguém Queria 4 (Parte Final) – Bela Bagunça
	A Princesa Bela Que Fez O Rei Chorar!!!
CANAL DA LELÊ	Tipos de Crianças Fazendo <i>Slime</i> – Exagerada, Generosa, Cientista e Ansiosa – Diversão com <i>Slime</i>
CRESCENDO COM LULUCA	Um Dia Inteiro sendo Minha Mãe
FRAN NINA E BEL PARA MENINAS	Nina Babá da Bel Por Um Dia (<i>Kids Pretend Play With Nanny</i>)
JULIANA BALTAR	Virei Mãe do <i>Kids Fun</i> Por Um Dia!
	O Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta! Episódio 1
	Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta! Episódios 2
	O Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta! Episódio Final
PLANETA DAS GÊMEAS	A Menina Atrapalhada e a Anja da Guarda
	Viramos Mãe da Nossa Mãe por um Dia

Fonte: Canais do Youtube

Dos seis canais priorizados e descritos anteriormente, foram selecionados um total de 21 vídeos publicados no ano de 2018, conforme a tabela 1. Assistimos e selecionamos os vídeos a princípio a partir do título e da descrição dos mesmos. Em 2018, a tendência do momento eram os vídeos tutoriais sobre *slime*, ultrapassando a marca de 23 milhões¹² de vídeos sobre o tema no *Youtube*, por esse motivo, selecionamos para análise somente os vídeos que tivessem o conteúdo de “novelinhas”, que contassem um tipo de história, com um roteiro estabelecido, para que fosse possível analisar os discursos presentes e/ou silenciados nos roteiros dos vídeos.

Os vídeos podem ser categorizados com conteúdo como “novelinhas”, que utilizam um tipo de narrativas em que as protagonistas interpretam diversas personagens

¹² Fonte: <https://leiturinha.com.br/blog/slime/>. Acesso em 04 abr., 2019.

como se fosse uma telenovela e com uma linguagem parecida a da televisão, mas com aspectos de cortes e edições mais rápidas adaptando-se à linguagem mais frenética da internet, diferentemente da utilizada na novela transmitida na televisão. Em alguns casos há vários capítulos de um mesmo tema e/ou vídeo.

As feminilidades e masculinidades nos vídeos dos canais de *youtube* protagonizados por meninas de até 12 anos, no ano de 2018

Após assistirmos aos vídeos, observamos que a maioria deles produzem e veiculam um tipo específico de feminilidade, aquela idealizada e aceita culturalmente como a normal e que podemos chamar de hegemônica. Essa feminilidade é ‘ensinada’ de diversas formas às pessoas que assistem e seguem aos canais do *YouTube*. A cor rosa é predominante nos vídeos evidenciando a questão de gênero e também percebemos as marcas de classe, de raça-etnia e de geração em seus conteúdos.

Após a etapa de observação dos conteúdos dos vídeos em relação ao objeto do nosso estudo, organizamos agrupamos a partir das semelhanças de temáticas ligadas ao nosso objeto e problematização do estudo.

O primeiro grande agrupamento foi pensar como as Feminilidades e Masculinidades apareciam e eram produzidas e veiculadas nos vídeos. No agrupamento das Feminilidades tivemos três subagrupamentos: aprendizado para a maternidade, ideal de beleza e outros tipos de feminilidades como a representação de feminilidade adulta. E para as Masculinidades os subagrupamentos foram: masculinidade hegemônica-coadjuvante e figura do pai como cuidador.

No tópico seguinte teremos a descrição dos agrupamentos relativos as análises, discussões e problematizações sobre o objeto da investigação: as feminilidades e as masculinidades.

Feminilidades

Passamos agora a descrever e analisar o agrupamento e os subagrupamentos sobre as feminilidades nos vídeos selecionados do *YouTube*.

O conceito de feminilidade é uma construção social, um conjunto de valores que projeta sobre a mulher uma visão sobre essa vivência, as vezes idealizada. Segundo Canto e Ghazzi (2016):

É na infância que se iniciam as questões da feminilidade, quando a menina brinca de bonecas, de princesa, de usar o sapato de sua mãe, entre tantas outras demonstrações. É através do brincar do vir a ser, que a feminilidade se configura, e é a partir do brincar que a menina virá a ser mulher (CANTO e GHAZZI, 2016, p. 631).

Ao assistirmos aos vídeos selecionados no estudo, observamos que a maioria deles indicam uma feminilidade com representações do feminino como uma espécie de preparação para uma feminilidade adulta. Podemos dizer que a feminilidade é uma construção identitária, tendo como processo inicial na infância, através do brincar das meninas com determinados tipos de brinquedos ligados sobretudo à maternidade e à beleza. E nos vídeos, esse ensinamento na infância ocorre como se fosse uma preparação para a vivência adulta.

Os vídeos que representam essas feminilidades são os que as protagonistas fazem papéis de personagens que são mães por um dia ou que desejam ser adultas para o exercício da maternidade. Para representar esse agrupamento escolhemos o vídeo de Juliana Baltar “*O Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta!*”.

Figura 1 – “O Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta!”



Fonte: Canal do YouTube

Na figura 1, Juliana interpreta a personagem Sophia que no seu aniversário de 12 anos desejou virar adulta para poder ter seu “tão sonhado” celular e também para fazer tudo o que sua mãe não lhe permite por ser criança. Na imagem ela está expressando sua felicidade com a realização do seu desejo com a seguinte fala: – “*O meu desejo se realizou, agora posso usar unhas grandes, relógio, roupa de adulto, salto alto, batom muito vermelho e argolas*”!

Em relação a adultização das crianças, B. Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), afirmam que:

Como resultado desses estímulos adultizados constantes, as crianças podem se apropriar de comportamentos, atitudes, hábitos, formas de lazer, cuidados, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto. Essa apropriação, fora de um contexto de brincadeira, caracteriza um processo de adultização. Adultizar é, portanto, incentivar a inserção extrema da criança em contextos não relacionados à infância. Crianças com muitos compromissos e responsabilidades, assim como crianças preocupadas com cuidados com o corpo e aparência são um reflexo destes estímulos (B. WEBER & FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 7).

No vídeo “*O Pedido de Aniversário – Quero Ser Adulta!*”, de Juliana Baltar, a adultização é retratada constantemente nas atitudes e desejos da personagem Sophia, interpretada pela protagonista do canal. Mesmo com sua mãe dizendo que ela não tem idade para fazer e usar certas coisas, seu maior desejo era ficar adulta para que ela tivesse a liberdade de fazer o que quisesse.

A adultização da menina é construída discursivamente e pode ser observada pelos modelos adultos de roupa e de atitudes apresentados como referência de como a menina deve vestir-se, maquiar-se e pentear-se, e do modo como ela deve agir e ser. Essa adultização expressa também representações de um determinado tipo de feminilidade. No caso em pauta da mulher que deve se apresentar como magra, usar salto, uso de maquiagem e exibir objetos de consumo.

Feminilidade hegemônica – “maternidade”

Assim como os vídeos com representações do feminino como uma espécie de preparação para uma feminilidade adulta, podemos pensar que os vídeos também pretendem “educar” e “constituir” um tipo de feminilidade ligada à maternidade. De acordo com Ferreira (2008):

[...] desde o final do século XIX o discurso médico, em particular, define as mulheres pela maternidade. Tal definição toma importância a partir do momento que a infância passou a ser cada vez mais valorizada como uma fase especial, digna de atenção e cuidados, pois as crianças eram consideradas as sementes do futuro das nações segundo os discursos produzidos a partir de então. (FERREIRA, 2008, p. 1)

Segundo a autora, a maternidade é vinculada ao destino imutável às mulheres. Discurso esse produzido com base nas falas de cunho biológico. Ferreira (2008) ressalta que esse pensamento, construído desde o final do século XIX, vem produzindo subjetividades em meninas e mulheres até os dias de hoje. Vimos isso nos vídeos em que predominam o ideal de maternidade e do cuidado com bebês exclusivamente às meninas.

Na figura 2, abaixo, vemos Bela segurando a bebê no vídeo “A *Bebê Que Ninguém Queria*”, do canal Bela Bagunça. O roteiro do vídeo conta a história de Bela e seu irmão Magu que encontram uma criança abandonada na porta de sua casa e resolvem cuidar dela. Mesmo com seu irmão sempre ao seu lado, todas as tarefas relacionadas ao cuidado com a criança são executadas por Bela. É ela que lhe dá o ‘mamá’, o banho e quem veste a criança.

Figura 2 - Bela cuidando da bebê abandonada em sua porta



Fonte: Canal do *YouTube*

Vemos na imagem 2 a menina cuidando da boneca, que é a sua filha na história contada pelo vídeo. É ela quem se responsabiliza pelos cuidados e pela maternagem. Guacira Lopes Louro (2008, p.103) nos ajuda a pensar sobre esse aprendizado constante de gênero que ocorre especialmente com as meninas. A autora aponta que

[...] gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "genericadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero).

Louro destaca que a identidade de gênero é aprendida e está imersa nas mais diversas instituições sociais. No caso de nosso estudo percebemos como os vídeos dos canais do YouTube funcionam como instrumentos de pedagogias culturais que educam

as meninas a serem de um determinado jeito, a partir do cuidado, da maternagem e dos afazeres domésticos.

Elizabete Franco Cruz (2012), afirma que historicamente produzimos uma verdade, sendo ela “a de que o cuidado das crianças depende prioritariamente da família, e no interior da família é uma função materna”. As meninas desde muito pequenas aprendem, no brincar de boneca, que elas devem cuidar de suas “filhinhas” e serem suas “mães”, empurrando de forma subjetiva as mulheres para a maternagem. No vídeo, apesar do menino Magu estar sempre ao lado de Bela, a responsabilidade de cuidar da “bebê” é totalmente atribuída a Bela.

Já em relação ao papel da mulher na sociedade, Nogueira (2010) elucida que:

Historicamente a mulher era vista como o símbolo da fertilidade, sendo considerada a matriarca. A concepção era considerada cósmica, excluía-se a participação do homem, neste sentido até os dias atuais vemos este comportamento predominando. O papel da mulher vem mudando no decorrer dos tempos em vários campos, principalmente no mercado de trabalho, na educação e na política. (NOGUEIRA, 2010, p. 17).

Apesar de tais mudanças, a concepção de que a maternidade é um caminho inevitável e inquestionável para a mulher ainda se faz muito presente atualmente e aparece constantemente artefatos culturais priorizados em nossa investigação. Em onze dos vinte e um vídeos analisados, as protagonistas fazem o papel de mãe e cuidam das bonecas, da irmã e da mãe como se fossem suas próprias filhas.

Figuras 3 e 4 - Nina fazendo o papel de babá de Bel





Fonte: Canal do *YouTube*

Na primeira imagem, vemos Nina e Bel brincando de mamãe e filhinha. Nina (irmã mais nova de Bel) faz o papel de babá e está alimentando Bel. Já na figura 4, Nina coloca Bel para dormir e se deita junto para “niná-la”. Nestes quadros podemos observar mais uma vez o quanto o papel da mulher no exercício na maternidade é ensinado às meninas no artefato cultural analisado na presente pesquisa.

Ideal de beleza

Discutiremos aqui sobre o ideal de beleza atribuído nos vídeos, sobretudo às meninas. Essa questão é bem presente nos artefatos culturais selecionados e analisados no estudo.

Segundo Vianna (2005, p. 6) “[...] O padrão de beleza atual destoa completamente daquele de cinquenta anos atrás e está focado principalmente em corpos magros”. A autora complementa dizendo que o padrão de beleza afeta a construção de corpos, já que o ideal de beleza considerados exemplares pela mídia nos dias atuais são os corpos magros, que passam a ser modelos a serem seguidos. Podemos afirmar ainda que a questão do ideal cultural de beleza é muito presente nas características físicas das protagonistas dos canais.

Vianna (2005, p. 5) afirma ainda que “A mídia transmite a essas mulheres que o controle sobre o próprio corpo é a única coisa que precisam obter para ter sucesso, serem profissionais, serem felizes”. A autora ressalta sobre o poder que a mídia tem de fazer com que as mulheres ou meninas valorizem em excesso a beleza física, o seu corpo – pelo ideal de beleza veiculado e ensinado nas propagandas – como se o cuidado com ele fosse uma garantia de felicidade e sucesso. Muitos dos vídeos selecionados trazem a questão da beleza como central. Selecionamos dois deles que são significativos a esse respeito. Vejamos as imagens abaixo.

Figuras 5 e 6 - Protagonista do canal Crescendo com Luluca e Planeta das Gêmeas

Fonte: Canal do *YouTube*

Na figura 5, temos a imagem da Luluca do canal Crescendo com Luluca e na Figura 6 a imagem das irmãs Larissa e Nicole protagonistas do canal Planeta das Gêmeas, para representar este subagrupamento. Nas imagens trouxemos estas protagonistas para representar a questão de preocupação e cuidados com o corpo e aparência. As meninas se encontram maquiadas e sempre se preocupam com sua vestimenta nos vídeos.

A obsessão pelo corpo magro, liso e jovem está presente em diversos artefatos culturais: nas revistas de moda, na publicidade, entre outros. Os vídeos analisados não falam explicitamente sobre questões de beleza, como a explicitação de normas, roteiros ou etiquetas do que se convencionou a ser o ideal. Mas é possível observar a preocupação das protagonistas com a imagem ao fazer a representação de uma mulher adulta e a de um ser celestial (a anja).

Na figura 5, Luluca está interpretando o papel de mãe e para isso ela se maquiou, usou um lenço no pescoço e vestiu um blazer, e na figura 6, a anja da guarda, também está maquiada, usando um vestido branco e uma coroa de flores, reforçando alguns elementos reforçados como padrão de beleza socialmente aceito pela sociedade. Para Vianna,

A representação feminina na mídia é a referência de beleza e atitude não só de adultos, mas também de crianças, que mais tarde repetirão o que viram e acharam agradável. Sob esse ponto de vista, o que se tem hoje, em termos de mídia, é o colapso de toda e qualquer forma de respeito pela mulher: o padrão de beleza é europeizado e nega corpos normais e com características específicas (como o das latinas ou orientais, por exemplo), a imagem é mais valorizada que a inteligência ou capacidade de trabalho, a participação feminina é decorativa ou destinada a assuntos domésticos como arrumar (ou manter) um

casamento, cozinhar, decorar a casa e cuidar das crianças. (VIANNA, 2005, p. 9).

A autora ressalta sobre a construção da imagem social feminina desde a infância. As meninas são incentivadas a modificar seus corpos e a se preocupar exageradamente com aceitação social a partir de um ideal cultural de beleza. Vianna (2005) ainda complementa que as meninas aprendem desde cedo que a beleza é mais importante que a inteligência e, ao se esforçarem apenas para serem consideradas ‘bonitas’, desprezam todas as outras formas de participação social, inclusive estudo e trabalho.

O ideal de beleza está presente juntamente com outros marcadores como branquidade, magreza e serem de classes sociais mais abastadas. As meninas vestem-se em sua maioria com a cor rosa, também demarcadora de uma única forma de ser menina; são brancas, mostram suas casas que demonstram classe social média e média-alta, são todas magras e não expressam novas formas de ser feminina além da convencionalmente aceita socialmente.

Masculinidades

Jane Felipe no texto “Infância, Gênero e Sexualidade”, analisa manuais de civilidade do século XX e afirma que a masculinidade hegemônica da época,

[...] estava calcada basicamente na coragem física, no trabalho, na perseverança, na competitividade e no sucesso. Alguns artigos trazem preciosos exemplos relacionados à construção da masculinidade infantil, como uma espécie de preparação para uma masculinidade adulta [...]. (FELIPE, 2000, p. 122).

Apesar de a autora não analisar vídeos e priorizar outro tempo histórico é possível pensarmos a respeito da construção da masculinidade na atualidade quando ponderamos sobre os vídeos do *YouTube* analisados, especialmente naqueles em que a figura das personagens masculinas aparece.

A autora fala sobre a construção da masculinidade em um determinado artefato cultural. Essa masculinidade era, segundo a mesma, baseada na “coragem física, no trabalho” e “na competitividade”.

Durante a pesquisa e a organização das informações, nos perguntávamos como as masculinidades eram representadas e produzidas nos vídeos do *YouTube*. Elas são

veiculadas e produzidas como hegemônicas como asseguram as descrições citadas por Felipe (2000)? Há outros tipos de masculinidades? É sobre isso que vamos discutir.

Vale ressaltar que dos 21 vídeos selecionados, os meninos assumem posição de coadjuvantes nas histórias e roteiros em 13 deles, possivelmente porque os canais são protagonizados por meninas. Os papéis assumidos pelos meninos nos vídeos analisados são de: aluno; babá; tritão (referência ao Rei dos mares na Mitologia Grega) e irmão da protagonista.

Masculinidade hegemônica-coadjuvante

Apesar de não assumir o papel de protagonista, no vídeo “*Bela Bagunça na ESCOLA com Irmão Magu. Crianças muito Atrapalhadas na Aula (Historinha da Bela)*” na primeira parte do vídeo o menino é o aluno e a menina Bela é quem assume o papel de Professora.

Ele erra todas as respostas das perguntas realizadas pela docente. Ela é compreensiva com ele. Enquanto ela sai da sala, ele adormece e daí outra realidade surge. Ele agora assume a posição de comando. Ele é o professor da menina Bela. Em sonho, Magu torna-se professor da Bela e em sua “prática pedagógica” a repreende e a humilha todas as vezes em que ela responde suas perguntas.

O que nos chama atenção é que ela responde a todas as questões de forma correta. Mas ele não admite que a aluna saiba corretamente as respostas. Ele a humilha e diz que as respostas, mesmo certas, estavam erradas. Essa prática vem sendo discutida e estudada no feminismo 2.0¹³ chamada de *gaslighting* que é uma forma de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador (do gênero masculino) ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima (do gênero feminino) duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade¹⁴.

Na figura 7 abaixo vemos Magu rindo da Bela no vídeo. Em uma aula sobre animais ele mostra os bichos de pelúcia para Bela e pergunta qual animal é aquele. Na imagem ele segura um macaco, a menina responde corretamente, porém ele diz que está errado e a convence de que aquele animal é um papagaio.

¹³ O feminismo 2.0, é uma nova geração de feministas que utilizam a internet como plataforma de luta, provoca novos debates nas redes sociais e ganha espaço a cada dia. Disponível em: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2341/2390>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹⁴ Definição retirada da reportagem “*Gaslighting: descubra se sofre de abuso psicológico na sua relação*” do site *Vida Ativa*. Disponível em: <https://www.vidaativa.pt/a/gaslighting/>. Acesso em: 20 maio 2019.

Figura 7 - Magu sonhando que é o professor



Fonte: Canal do YouTube

É importante frisar que na maioria dos vídeos analisados o menino ocupa um papel de coadjuvante. As meninas são as protagonistas, as heroínas, as salvadoras. Os meninos são compreensivos, brincam juntos, são colaborativos. No entanto, em sua maioria, a masculinidade hegemônica está presente nas cores azuis para representar o ‘universo’ masculino ou, no caso específico de um dos vídeos, para dizer que o menino não é um menino-sereia, reforçando que não se trata de uma figura feminina a identificada pelo menino.

Porém, o que devemos ressaltar é que quando o menino assume o papel de protagonista, mesmo que em sonho, torna-se uma figura que desempenha uma violência psicológica em relação ao gênero feminino ao ponto de desqualificar a menina e a convence-la de que ela é incapaz, “burra” e incompetente para aprender.

Este aspecto é fundamental para pensarmos neste artefato cultural que produz pedagogias ao expressar uma cena aparentemente simples, mas que ensina como os meninos devem ser e que atitudes são corretas e esperadas para eles em relação desigual com as meninas.

A figura do pai – cuidador

No texto “Nas Telas e Tramas das Paternidades com ‘Procurando Nemo’ e Meu Malvado Favorito”, Elizabete Franco Cruz (2012), debate sobre a temática da paternidade, à parte, dos filmes de animação “Procurando Nemo” e “Meu Malvado Favorito”, que foram um grande sucesso de cinema destinados ao público infantil. De acordo com Cruz (2012, p. 243), os filmes reproduzem os “estereótipos do masculino

(vilão, durão, ranzinza, desqualificador)”, ao mesmo tempo em que parecem também oferecer algumas alternativas para enquadrar os pais no lugar do bom herói.

Elizabeth Franco ressalta que as literaturas no final da década de 1950, já defendiam a presença paterna no cuidado com as crianças ainda que como auxiliares e coadjuvantes da mãe. A autora também destaca que,

[...] a presença paterna, seus limites e possibilidades estão definidos a partir das mães. Historicamente produzimos esta verdade, a de que o cuidado das crianças depende posteriormente da família e no interior da família é uma função materna. (CRUZ, 2012, p. 244).

A autora destaca que há pouco tempo, a figura do pai tem mudado em alguns artefatos culturais. Mas em sua maioria, ela é definida a partir da maternidade. Isso reforça a ideia comumente aceita socialmente de que o cuidado com os filhos e filhas é prerrogativa das mulheres. Há, porém, algumas iniciativas que tentam colocar os pais como cuidadores e afetuosos. Vejamos a seguir a imagem de Magu fazendo o papel de cuidador.

Figura 8 - Magu cuidando de Bela



Fonte: Canal do *YouTube*

Na Figura 8, vemos Magu, no vídeo “*Minha Babá Por Um Dia!!!*”. O personagem se mostra um babá muito bravo. Nas cenas do vídeo sempre está ditando o que a Bela deve fazer, mas apesar de ser rígido, ele também demonstra ser bem cuidadoso com a menina. No final, com a sensação de dever cumprido Magu mostra-se feliz, pois lhe atribui o ‘rótulo’ de o ‘melhor babá do mundo’. Nota-se, porém, que no título do vídeo a palavra designada para a função exercida pelo menino está escrita no feminino, para denotar que essa é uma prerrogativa da conduta do gênero feminino.

Assim, como foi elucidado por Connell & Messerschmidt (2013) em seus estudos acerca de masculinidades hegemônicas e não hegemônicas, é possível inferir que:

Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional. (CONNEL & MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262).

Connell & Messerschmidt (2013) nos chamam atenção para pensarmos em outros tipos de masculinidades para além da hegemônica, como as que observamos em alguns vídeos em análise.

No vídeo “*A Princesa Bela Que Fez O Rei Chorar!!!*”, já conseguimos observar o personagem do Rei Bolo (interpretado pelo pai de Bela); ele estava muito triste pois a princesa e o príncipe tinham esquecido o seu aniversário. O rei estava tão triste que os doces do reino começaram a ficar amargos.

Quando Bela e Magu encontraram a Majestade, ela estava desolada em um rio de lágrimas. Vemos na imagem do rei um outro tipo de masculinidade para além da hegemônica. Um homem sensível que se permite expressar emoções e chorar em público. Em outro vídeo também vemos outra expressão de masculinidade diversa da hegemônica. No vídeo “*A Bela Bagunça Precisa Salvar O Magu, E Agora???*”, nós vemos Magu em situação de perigo e é a Bela quem consegue salvá-lo.

As expressões de masculinidades para além da hegemônica nos permitem refletir sobre outras formas de viver as masculinidades. As perspectivas sobre o “novo homem” estão apoiadas na visão de que as transformações no âmbito das relações de gênero apontam para novas discussões nos padrões de comportamento social e cultural para romper com padrões rígidos de comportamento e de representações do masculino e do feminino.

Desse modo, salientamos que as contribuições feministas e dos Estudos de Gênero, foram e são, indispensáveis para o desenvolvimento do campo de estudos sobre as masculinidades, ao expor um amplo sistema de ideias que apresentaram um alcance mais geral acerca da vida social, deixando um legado tendo em consideração a compreensão de mundo do ponto de vista das mulheres e dos homens. As contribuições

revelam novas formas de viver masculinidades para além dos roteiros já determinados para as condutas e vivências de meninos e homens.

Vimos na análise dos vídeos que há novas possibilidades de vivências de masculinidade para os meninos nos vários roteiros dos artefatos dos canais das *YouTubers*, porém ainda há demarcações de expressões de masculinidade hegemônicas, expressando e reforçando possibilidades já sacralizadas para os meninos como o uso da violência, da agressividade, da impossibilidade de demonstração de sentimentos.

Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa tendo como foco estudar as feminilidade e masculinidades nos vídeos protagonizados por meninas até 12 anos nos canais do *YouTube*, com o objetivo de discutir e problematizar as feminilidades e as masculinidades por ele veiculadas e produzidas.

Ao assistir aos vídeos repetidas vezes e nos embrenharmos no campo virtual da investigação, percebemos que eles são fontes inesgotáveis de problematizações. Muitos outros temas e questões podem ser levantadas, discutidas e questionadas, além do que nos propusemos na pesquisa.

Em nossas discussões e leituras e ao assistir aos vídeos dos canais selecionados, pudemos ponderar que nos vídeos do *YouTube*, enquanto artefatos culturais, as feminilidades e as masculinidades exercem temas de uma pedagogia ao expressar ensinamentos para meninas e meninos e que essas educações realizadas atendem a uma normatividade aos padrões hegemônicos socialmente no que tange ao gênero.

De fato, os vídeos em questão possuem como público alvo as crianças e é necessário refletirmos a esse respeito. Na sociedade atual em que vivemos, o *YouTube* tornou-se um meio muito acessível, principalmente para as crianças, em que é possível ter acesso a diversos tipos de conteúdo, muitas vezes sem a supervisão de uma pessoa adulta.

Por esta razão, faz-se necessário pensar que tipos de feminilidades e masculinidades estes artefatos culturais estão produzindo e de que forma podemos discutir e problematizar essas questões com as crianças.

Cabe aos/as adultos/as oferecerem às crianças várias possibilidades reflexivas e problematizadoras de ser menina/menino, fugindo dos modelos impostos e idealizados pela sociedade. Analisar as feminilidades e masculinidades é de extrema importância para pensarmos nas pedagogias culturais dos artefatos culturais.

No campo da educação e da formação de professoras e professores é interessante que estas e estes saibam trabalhar/utilizar este artefato cultural tão adorado pelas crianças, o *YouTube*, para realizarem discussões em salas de aula além de saberem problematizar as construções de masculinidades e feminilidades para provocar discussões com as crianças.

Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. Porto Alegre: **Revista FAMECOS**, n20, dez. 2008.

B. WEBER, Tiziana Brenner; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. *Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial*. Curitiba - PR, 28 maio 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0535-1.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

BACARIN, Telma Iara. *FILMES DE ANIMAÇÃO DA BARBIE: normatizações e resistências aos modelos de feminilidade*. Corumbá/MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá, 2015. Dissertação de Mestrado em Educação. Disponível em <http://ppgecpan.sites.ufms.br/files/2016/01/Telma-Disserta%C3%A7%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em maio de 2019.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995, p. 185-206. 29.

CONNEL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, V. 21, nº 2, Jan/abr., 2013, p. 241-282.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. *A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação*. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 1-18, maio 2017. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n49p1/34047>. Acesso em: 21 maio 2019.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Revista Educação Realidade**. Porto Alegre, v. 1, n.25, p. 115-131, 2000.

FELIPE, Jane. **Relações de Gênero**: construindo feminilidades e masculinidades na cultura In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande: UFMS, 2012, p. 217-226.

FELIPE, Jane. **Erotização dos corpos infantis**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Juliana Tais. **“Espelho das mães” A representação feminina na publicidade destinada à infância nas páginas da revista O Cruzeiro: 1930-1960**. Florianópolis, 28 ago. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Juliana_Tais_Ferreira_58.pdf. Acesso em: 18 maio 2019.

FERREIRA, Tenisziara de Moura. **Estratégias de estudo divulgadas no YouTube: uma análise sob a ótica das teorias de aprendizagem aplicadas ao ensino superior**. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em Inovação Tecnológica) - Programa de Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23. Ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.

MELO, Darcyane Rodrigues de; GUIZZO, Bianca Salazar. Infância YouTuber: problematizando representações de crianças inseridas na cultura de sucesso. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, [S.l.], p. 121-140, abr. 2019. ISSN 2318-1982. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/1162>. Acesso em: 21 maio 2019.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NOGUEIRA, Daniela Macias. *Gênero e sexualidade na educação*. Londrina, 25 jun. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

TAVARES, Wellington; PAULA, Ana Paula Paes de. *A netnografia como possibilidade metodológica para estudos no campo da ead*. Florianópolis/SC, 8 ago. 2014. Disponível em: <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126914.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

VIANNA. Cynthia Semíramis Machado. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos Direitos. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**. Curitiba/PR, V. 43, p. 1-14, 2005.

VIDEOGRAFIAS

A BEBÊ QUE NINGUEM QUERIA (PARTE 1) Bela Bagunça. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8abV7DdP4po&t=143s>. (05:40min). Acesso em: maio 2019.

A BEBÊ QUE NINGUÉM QUERIA (PARTE 2) Bela Bagunça. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oecB-qt9iT4&t=509s>. (11:10min). Acesso em: maio 2019.

A BEBÊ QUE NINGUEM QUERIA 3 - Bela Bagunça. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aPkYm1V3LLI>. (07:21min). Acesso em: maio 2019.

A BEBÊ QUE NINGUEM QUERIA 4 (PARTE FINAL) - Bela Bagunça 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z7zDOjUqPSw>. (5:25min). Acesso em: maio 2019.

A BELA BAGUNÇA PRECISA SALVAR O MAGU, E AGORA??? Historinha em Portugues da Bela Bagunça. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5gOP9kNhZM>. (08:56). Acesso em: maio 2019

Bela Bagunça TENTA SALVAR o Magu da Areia na Praia - Historinha da Bela em Portugues para Crianças. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xyBmNxtH5jo>. (06:31min). Acesso em: maio 2019.

A MENINA ATRAPALHADA E A ANJA DA GUARDA. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FuDaaDShTDs&t=1s>. (11:53min). Acesso em: maio 2019.

A PRINCESA BELA QUE FEZ O REI CHORAR!!! 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hi093pfRlsg>. (13:39min). Acesso em: maio 2019

Bela Bagunça na ESCOLA com Irmão Magu. Crianças muito Atrapalhadas na Aula (Historinha da Bela). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5gOP9kNhZM>.(08:56min). Acesso em: maio 2019.

Bela Bagunça Tenta SALVAR TRITÃO MAGU (O Menino SEREIA). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V04NTPPlpkg>. (8:36min). Acesso em: maio 2019.

MINHA BABÁ POR UM DIA!!! 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F8MxLGnZZsE>. (10:07min). Acesso em: maio 2019.

NINA BABÁ DA BEL POR UM DIA (KIDS PRETEND PLAY WITH NANNY). 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xbc0mVWP6pc>. (10:34min). Acesso em: maio 2019.

O PEDIDO DE ANIVERSÁRIO - QUERO SER ADULTA! EPISÓDIO 1 - JULIANA BALTAR. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gKw3Ow7i1EU>. (10:16min). Acesso em: maio 2019.

O PEDIDO DE ANIVERSÁRIO - QUERO SER ADULTA! EPISÓDIO 2 - JULIANA BALTAR. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=jNwDlyDO0XU&t=61s>. (12:54min) acesso em: mai. 2019.

O PEDIDO DE ANIVERSÁRIO - QUERO SER ADULTA! EPISÓDIO FINAL - JULIANA BALTAR. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QlhRTSYvD6g&t=465s>. (10:03min). Acesso em: maio 2019.

SERÁ que a Bela Bagunça Vai SALVAR o MENINO SEREIA / TRITÃO? Historinha da Bela com Cauda de Sereia. 2018. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=1_NE6G6IquY&t=2s. (03:38min). Acesso em: maio 2019.

TIPOS DE CRIANÇAS FAZENDO SLIME - Exagerada, Generosa, Cientista e Ansiosa - Diversão com Slime, 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DMTK6iLXnrg>. (15:15min). Acesso em: maio 2019.

UM DIA INTEIRO SENDO MINHA MÃE | Luluca. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Km-pVGKbHL4>. (15:31 min). Acesso em: maio 2019.

VIRAMOS MÃE DA NOSSA MÃE POR 1 DIA. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=eJfRsGelvOk&t=1s>. (24:25min). Acesso em: maio 2019.

VIREI MÃE DO KIDS FUN POR UM DIA! - JULIANA BALTAR. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=79GBIaGu1oU>. (13:20min). Acesso em: maio 2019.

UM DIA INTEIRO SENDO MINHA MÃE | Luluca. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Km-pVGKbHL4>. (15:31 min). Acesso em: maio 2019.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em abril de 2021.